8.º ANO LISBOA—SEXTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1925 N.º 1223

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDAÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195
Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

PERMITIMO NOS chamar a atenção da direcção da Companhia Carris de Ferro de Lisboa para estas linhas:

Um passageiro que vai num carro quere, com toda a razão, poder comprar um jornal, sem ter que se apear e perder o lugar. Mas não o entendem assim, não sabemos se a companhia se alguns dos seus servidores...

Temos recebido numerosas queixas, das quais destacamos duas, ao acaso:

O condutor 1387, ao parar o carro na Rotunda, apesar de estarem em pé três passageiros, para comprar o *Diario de Lisboa*, não deixou entrar o vendedor.

Ontem, ás 20.15, o condutor 13, não só não deixou entrar o vendedor, como ainda o agrediu, levantando protestos energicos de todos os passageiros do carro.

Lembramos á Companhia Carris que, com a permissão da entrada dos vendedores nos carros, ganham eles, as empresas dos jornais e os passageiros—e não perde ninguem.

Não poderia, pois, a direcção dar ao seu pessoal instruções no sentido de não prosseguir tão absurda perseguição a quem ganha honestamente a sua vida?

* * *

REUNIU hoje com o sr. ministro das Colonias e com o sr. Portugal Durão, a comissão nomeada na ultima assembleia do Centro Colonial para solicitar que aquele deputado desista do pedido de demissão e que a proposta do financiamento de Angola, que está no Senado, seja rapidamente aprovada.

O sr. Portugal Durão respondeu o que havia dito ao ministro: em vista da aprovação da emenda que lhe trazia um cerceamento de poderes e contra a qual desde o principio se manifestára, persistia no seu pedido estando pronto a retirá-lo desde que amanhã desapareça a causa.

Sabemos, no entanto, que o sr. ministro das Colonias, em caso algum, aceitaria o cargo de Alto Comissario em Angola.

* * *

INFORMAM-NOS á ultima hora de que a Camara Municipal, que recebeu com tamanho entusiasmo a proposta de construção do Metropolitano, começa a deitar agua na fervura, pensando em submeter o caso á decisão dum plebiscito.

Anda já a politica a minar ou a contraminar?

* * *

O CASO do Metropolitano promete dar de si, visto as manhas que se começam a concertar contra a sua construção.

Então Lisboa não tem uma população mais que suficiente para todas as tracções—superficiais ou subterraneas?

Não existe uma crise de trabalho que tão cara está ficando já ao Estado?

Não temos nós necessidade dum melhoramento que se encontra em quasi todas as capitais civilisadas?

* * *

O SENADOR Oriol Pena insurgiu-se hoje na Camara, contra o que está sucedendo com as cedulas falsas, e, em termos de energia, castigou a impunidade de que gosam os falsificadores.

* * *

ENCONTRA-SE de cama, com um forte ataque de reumatismo, o sr. presidente do ministerio, que hoje só pôde receber um reduzido numero das pessoas que o procuraram em sua casa.

UMA LIÇÃO

Os alemães, apesar de vencidos na guerra, resolveram desforrar-se na paz.

Naturalmente compreenderam que, só produzindo muito, poderiam reparar os danos de uma campanha sem igual em perda de vidas e consumo de riquezas.

Ficaram sem colonias, sem marinha de guerra e com a de comercio quasi aniquilada, sujeitos ao pagamento de uma esmagadora divida de guerra. O seu proprio territorio sofreu dolorosissimas amputações.

A derrota trouxe tambem comsigo uma grande febre revolucionaria. Em dados momentos, as plebes amotinaram-se, mostrando-se pouco dispostas a aceitar os sacrificios que a patria lhes exigia.

Chegara o fim da Alemanha?

Não faltaram profetas para o anunciar, na quasi certeza de que o seu solo breve seria o sepulcro da sua passada gloria.

Falou-se ainda numa possibilidade salvadora — uma aliança de vida e morte com a Russia.

Berlim e Moscou unir-se-iam para rebaptisar o mundo, purificando-o pelo fogo.

O projecto, porém, não achou quem o arrancasse aos sonhos delirantes que o haviam chocado.

O alemão queria explorar o russo e o russo pretendia revolucionar o alemão. Desejos tão opostos não podiam conduzir a um pacto.

Mas emquanto Lenine lançava o comunismo do Baltico ao Pacifico, cavando na planicie slava a mesma sepultura para o crime, o genio e a loucura, emquanto os Estados Unidos faziam as suas contas de guerra, escriturando as montanhas de ouro que o heroismo europeu lhe fizera ganhar, emquanto a Inglaterra punha em ordem a sua casa, passando a olhar pelo postigo dos seus interesses as ilusões dos seus aliados, emquanto a França celebrava com lagrimas a libertação do seu territorio e a duresa impiedosa dos seus credores — de que cuidava a Alemanha?

Aproveitando-se habilmente do quasi abandono em que quedara o Tratado de Versailles, logo depois de assinado, tratou de fugir ás suas responsabilidades e de velar pelas suas necessidades.

Havendo enterrado na guerra uma grande parte do seu patrimonio, formou logo firme proposito de não sucumbir aos golpes recebidos. Mortas as ideologias a que dera vida a ferrea pompa belico-industrial de Guilherme II, criou outras capazes de responder ás preguntas inquietantes que os espiritos juvenis se propunham.

Como poderia viver a Alemanha, nestes anos crepusculares?

Era necessario que o imperialismo não falisse, mas sim que retomasse nova forma.

Quem seria assás forte para impedir que a vontade de dominação, que os Hohenzollern haviam encarnado com misticismo e sobranceria, se dissolvesse chupada pelo internacionalismo que rondava pelas fronteiras? O alemão, do alto a baixo da sociedade, mesmo diferente em partidos e religiões, percebeu o perigo que o ameaçava.

E pensou consigo:

—«A redenção está dentro da patria cujas forças se renovam, logo que os seus filhos a não abandonam.»

Industriais, comerciantes, banqueiros, agricultores, operarios e estudantes tornaram-se servos da nação—*Deutschland über alles.*

Hugo Stinnes ganhou milhões para cavar os alicerces duma futura Alemanha.

Metodicamente, no trabalho das fabricas e oficinas, nos laboratorios, nas universidades, nos arsenais e portos, nos campos, nas igrejas, nos parlamentos e nos campos de jogos, prepara-se a *revanche.*

Se Jarres obtiver a presidencia—o nacionalismo que o adora não cede a vitoria a ninguem—a Sociedade das Nações vai passar horas aflitivas. A França reclama que se mantenha a paz actual—a mesma linha de fronteiras a leste e a oeste da Alemanha.

Esta que não sabe rir nem sorrir volta-se para Genéve e diz:

—«Nesse caso, só entrarei para a Sociedade das Nações, quando fôr bastante poderosa para dispensar favores.»

O governo vai suspender

a circulação de cedulas de 20 centavos

Informam-nos de fonte absolutamente segura que o governo vai suspender desde já a circulação das cedulas de 20 centavos e que será dada ordem para que na Casa da Moeda sejam trocadas as cedulas BOAS por outras de 10 e de 5 centavos, emquanto se não adoptam providencias urgentes que resolvam este assunto de vez, criando novo tipo de cedulas e acabando com a industria criminosa do fabrico clandestino.

FOI uma tocante cerimonia, a da benção das pastas dos quintanistas de Direito, na Igreja dos Martires.

Numa atmosfera de solene recolhimento, viam-se ali as mais belas e as mais nobres figuras da nossa sociedade.

Numa eloquente alocução o rev. Fernando de Castro, em seguida á missa, durante a qual o insigne maestro Francisco de Lacerda improvisou, no orgão, sobre temas e motivos liturgicos, enchendo a nave de reboadas, de sublimes sonoridades. A sr.ª D. Maria Dewander Gabriel cantou uma *Avé Maria*, e um *Salutaris*, numa admiravel voz, que Francisco de Lacerda acompanhou no orgão.

Emfim, um raro concerto espiritual.

* * *

INTITULA-SE «Bonecos» um livro de espirito boemio e humoristico, escrito por Hugo e ilustrado com excelente verve e fantasia pelo mesmo Hugo (Hugo Sarmento, engenheiro, escritor e desenhista) que versa assuntos de Portugal e Brasil numa prosa alegre, sadia e ás vezes tocada dum ligeiro sentimento—prosa que nos revela um escritor que não rebusca efeitos, mas que os encontra naturalmente como a abelha o polen amado.

A edição dos «Bonecos» honra as oficinas foto-mecanicas Bordalo Pinheiro.

* * *

O PARTIDO Nacionalista vai-se preocupando com as proximas eleições. Ha mais de oito dias que no Hotel Francfort (Santa Justa) se reunem diariamente os marechais nacionalistas srs. Ginestal Machado, Vasconcelos e Sá, Eurico Cameira e José de Napoles, tendo sido largamente versada a politica eleitoral no distrito de Coimbra, onde o novel nacionalista sr. José de Napoles é grande influente politico.

* * *

OS engenheiros civis oferecem amanhã á noite um banquete, no Hotel de Inglaterra, ao sr. Plinio Silva, director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. A homenagem, que não tem nenhum caracter politico, é assistida por dezenas dos mais ilustres colegas do sr. Plinio Silva, entre os quais se encontram os nomes mais consagrados da engenharia civil.

* * *

SEGUNDO hoje corria, os coloniais de Angola estão na desposição de fazerem ver ao governo a necessidade impreterivel de tratar a serio o problema daquela provincia e nomear o mais rapidamente possivel o novo Alto Comissario, sem o que tomarão definitivas atitudes, que por certo o governo não desejará ter que resolver...

* * *

SAE por estes dias um novo livro de versos do distinto poeta sr. Mariano Gracias, intitulado «Oração ao Sûrya», que em lingua marata significa Sol, e que é dedicado á memoria de Gomes Leal. Trata-se de uma nova demonstração do talento do autor, e que prepara um livro de folego «Terra de Rajah».

* * *

A COMISSÃO de estetica da Camara Municipal deve reunir-se amanhã, pelas onze horas, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a fim de se escolherem, de entre as obras expostas, aquelas que são dignas de ser adquiridas pela Camara.

* * *

PRODUZIU sensação nos meios politicos a noticia da filiação do sr. coronel Reis e Silva, um oficial com uma assinalada folha de serviços, no Nucleo Republicano Reformador.

A musica

Alunos de Rey Colaço

A terceira e ultima audição Rey Colaço foi iniciada por uma interpretação do «Preludio e fuga» em dó sustenido de Bach, que nos deixou de Jaime Silva Junior impressão ainda mais favoravel do que a registada ha pouco a seu respeito nestas colunas. O joven pianista executou tambem um «Ländler» de Schubert, de modo a justificar o acolhimento entusiastico dispensado ao seu trabalho.

A segunda parte era toda preenchida pelos «Tableaux d'une Exposition» de Mussorgsky, a obra-prima instrumental do Mestre, que pela primeira vez ouviamos em Portugal.

Contra a opinião geral, cremos, lamentando não podermos aqui desenvolver a nossa ideia, que o grande, o maior Mussorgsky não é o Mussorgsky realista, movimentador das massas e dos sentimentos populares brutais. A obra-prima mussorgskiana em absoluto, é, para nós, o «Sem sol», ciclo de melodias de um lirismo intimo, inegualavelmente profundo de emoção, expresso numa linguagem musical em que predomina uma nota ao mesmo tempo triste e suave. No «Boris» e na «Khuvantchina» as passagens que preferimos são as que se aproximam desta atmosfera, e por isso, de um modo geral, preferimós a «Khuvantchina» ao «Boris». Nesta ultima opera achamos que paginas como o «racconto» de Chuisky valem por si só mais do que todos os impressionantes realismos nela contidos, que a critica internacional não se cança de louvar, e que classificaram parece que definitivamente para o grande publico, Mussorgsky como «compositor realista».

Como todos os grandes inventores da musica: Vincenzo Galilei, Jacopo Peri, Sammartini, Stamitz, Munssorgsky,não realizou uma obra imponente de igualdade, de inspiração e perfeição absoluta de tecnica e de fórma á maneira de um Bach, de um Beethoven, de um Wagner. Não nos deve causar espanto a desigualdade dos «Tableaux d'une exposition». Podemos citar como trechos admiraveis a «Promenade», o «Gnomus», o «Bydlo», o «Samuel Goldenberg e Schmnyle», a «Cabana», como menos bons as «Emileries», o «bailado dos pintainhos» e «Limoges» e como francamente maus o «Vecchio castello» e as «Catacombae».

A «Porta de Kiew» tem grandesa, mas na obra pianistica de Liszt já havia á data da composição dos «Tableaux», paginas heroicas de muito superior envergadura.

M.elle Helena Coelho foi interprete perfeita da complexa obra com a qual alcançou um exito triunfal e de todo o ponto merecido.

Numa brilhante «mazurka» de Ruy Coelho, na «Orientale» de Albeniz e no «Amor brujo» de Falla, José Novais confirmou inteiramente a bela impressão causada na audição anterior.

M.elle Roseira deu nos uma versão muito perfeita do «Prélude Fugne et variations» de Franck e M.elle Nogueira fez se aplaudir em dois preludios de Debussy, na «Sirocaia» de Milhaud e nas «Variações» de Paderewsky.

O mestre Rey Colaço foi, ao terminar a audição, chamado e entusiasticamente ovacionado pelo publico que enchia a sala do Conservatorio.

Luiz de Freitas Branco

EM TERRAS DO NORTE

A tragedia do Furadouro

e as impressões colhidas por um jornalista que a viu e sentiu

Essa desgraça do Furadouro, alumiante, catastrofica, abracadabrante, dantesca, formidavel, ciclopica, que tragediou tantas vidas e incinerou tantos haveres e quiçá tantas esperanças florindo em promessas — écoou por toda a boa terra portuguesa como um estupendo grito de morte. O fogo, labaredando impiedosamente tudo o que encontrou á sua frente, reduziu á mais arripiante miseria milhares de pessoas, que o destino — sempre o indiferente e cruel Destino! — atirou para a morte moral...

* * *

O jornalista quis sentir, bem de perto, toda a grandeza da tragedia e reviver, se tal fosse possivel, através a narrativa das vitimas, as horas angustiantes desse inferno de chamas... E, para isso, dirigiu-se a Ovar.

O automovel que, do Porto, nos conduziu ao Furadouro marchava velozmente, por entre nuvens de poeira e solavacando-se continuamente nos pequenos barrancos da estrada. Passeio lindo, a que as torturas da estrada quebravam a beleza... O automovel devorava distancias e, lá para diante, o mar seguia a nossa marcha — o mar que, lampejante de sol, era uma inesmensuravel esmeralda ardente, fosferescente, scentelhante, Ilquefeita...

* * *

E' profundamente confrangedora logo a primeira impressão que se tem ao pisar as terras do logar do sinistro. Um montão de ruinas, de escombros, de madeiramentos carbonisados, de pedras derruidas, tudo isto numa larga extensão e numa confusão inaudita, dá um aspecto patetico ao local. Parece que o ventre da terra se convulsionou e expeliu linguas de fogo... Ha paredes isoladas, erguidas para o ceu como braços de naufrago nos ultimos momentos de vida... Pelos buracos largos das janelas das paredes que restam — como vasias orbitas de caveira — o sol, que perto dali, áquela hora, aureolisa de reverberos a crista espumejante das ondas, atravessa-se dum lado para o outro e põe scintilações estranhas naquele amontuado de mil e uma coisas, como são os destroços duma horrida catastrofe. A aza fatidica da morte passou por aí, roubando a vida ás cousas...

O jornalista sente a alma a apequenar-se no cruciante confrangimento daquele scenario ..

O fogo queimou tudo áqueles desgraçados, desde a misera casa ás pobres roupas que lhes cobriam os corpos.

Aquele populoso bairro piscatorio está todo em ruinas; cinco quarteirões de predios foram pasto das chamas. Os montões dos destroços elevam-se até a uma bem saliente altura. Tudo aquilo dá-nos a dolorosa impressão duma pequena Roma que um Nero desumano mandasse incendiar... Entulho e pebras enegrecidas pelo fogo se vêm por todos os lados. Um horror apavorante!

* * *

Ha olhos vermelhos, onde parece divisar-se esquissado, no ardente cristal das pupilas, o reflexo das labaredas do incendio... Ha olhos fundos, cavados, secos de lagrimas, de palpebras ressequidas pelo chôro.. Ha olhos parados, fixos, abstractos, sonambulicos, sem vida nem luz, como que hipnotisados pela desgraça que viram... Ha olhos de raparigas casadoiras esbatidos de martirio — quiçá o martirio desolante das esperanças de amor que se queimaram no fogo imenso... Ha olhos de crianças — gotasinhas de tinta numas conchitas de leite — pisados e em torno dos quais o sofrimento de verem seus pais a sofrer semeou um canteiro de violetas...

* * *

Mulheres e crianças esfarrapadas, com rictus de dôr bem vincados nos *facies*, revolvem o entulho do casario, como cães vadios focinhando nos monturos, onde se ergueram as suas pobres casas. Procuram nos escombros aquilo que não podem encontrar — pois o fogo devorou tudo...

Homens rudes do mar, domadores das ondas, têm na mascara o cartaz do seu ingente sofrimento...

* * *

Um velho lobo do mar, de mascara vigorosa, forte, mascula, como que arrancada a uma tabua quinhentista, figura de valente colafisada por aquela tragedia e tagantada pela desgraça, contou-nos com toda a sua rude simpleza o sinistro. Uma mulher, acutilada pela dôr, apertando o filho contra o seio, foi-nos relatando o pavor da catastrofe e a odisseia que passou para salvar o pequerrucho; e na sua voz vibravam todas as fibras do seu coração de mãe...

* * *

O incendio alastrou se de repente — disseram nos. As labaredas eram enormes. Até o proprio ceu era uma grande chama... O povoleu, de voz em grita, abandonou os *palheiros*, impossibilitado de salvar os seus parcos haveres. Imprecações, suplicas, uivos, gritos lancinantes de dôr e loucura, que anavalhavam a alma, ouviam-se por todos os cantos. Mães chamavam pelos filhos na incertesa do perigo que corriam. Haviam vozes cortadas de anquiloses de angustia... Parecia o fim do mundo...

* * *

A paisagem acinzentava-se, os longes esfuminhavam-se em neblina... O sol tinha delirios de policromiss na orgia pagan do poente... Eram horas de deixarmos aquele lugar de martirio e de regressarmos ao Porto.

Jé o automovel galgava a distancia que nos separava da capital do norte — e ainda parecia que ouviamos as vozes dos nossos informadores a relatar-nos toda a tragedia. Na nossa retentiva estavam bem patentes os *clichés* dos destroços...

As paisagens mansas e dormentes, aureoladas do oiro exanime do ocaso, que orlavam a estrada, davam ao caminho um beatifico silencio só quebrado pelo resfolegar do motor do automovel — enquanto que lá para trás, no Furadouro, ainda talvez houvesse quem agitasse os escombros á procura daquilo que não pode encontrar — pois o fogo devorou tudo ..

Edurisa

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Mendia, viscondessa de Geraz de Lima, D. Luiza da Conceição Cardoso de Macedo Martins de Meneses (Margaride); D. Leonor Manuel (Atalaia), D. Helena Mauperin Ferrão de Castelo Branco, D. Maria Adosinda Pimenta e D. Constança Viteria Abreu de Lima.

E os srs.:

Conde de Vinhó e Almedina, D. Luis Vaz de Almada (Almada e Avranches) dr. Antonio Augusto Mendes Correia e José de Castelo Branco.

A Caridade

«Adão e Eva»

Continuamos hoje a publicação dos personagens femininos da revista feerie «Adão e Eva» que nas noites de 16 e 17 do corrente se representa em recitas de caridade no São Luiz e das pessoas que os desempenham:

«Murmurio», «Cotovia» e «Telefone», D. Maria do Carmo Morais Palmeiro (Regaleira); «Murmurio», «Walkiria», «Maja» e «Opereta», D. Leonor Beires de Morais Sarmento; «Olaia», «Perola», «Veneziana» e «Foxtrot», D. Alda Trigoso de Almeida Santos.

Continuam com todo o alan sob a direcção superior do actor empresario Armando Vasconcelos, os ensaios de apuro, todas as tardes no palco do São Luiz.

«No tempo di torismo»

A senhora D. Laura Reis Ferreira, desempenha no primeiro acto da revista «No tempo di torismo» que deverá subir á scena em recita de caridade no meado do proximo mês de Maio, os papeis de «Cigana», «Sopeira», «Contradição e «Mundana».

Concertos elegantes

No S. Luis

E' cada vez maior o interesse que estão despertando nos meios mundano e artistico, os dois sensacionais concertos que vêm dar no S. Luis, a insigne cantora Maria Barrientos e o celebre pianista Tomaz Teran, que na sua «tournée» pela America e ultimamente em Paris tiveram um exito grandioso, exito que estamos certos alcançarão entre nós.

Pela grande procura de bilhetes para estes dois concertos que se realisam nas noites de 6 e 7 do corrente, estamos certos que será o S. Luiz, o ponto de reunião de tudo que de melhor conta a nossa aristocracia.

Festa de homenagem

Está definitivamente marcada a noite de 21 do corrente para a realização no teatro S. Luis, da festa anual dos cronistas mundanos desse teatro e nossos colegas de redacção srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Motta Marques, que este ano apresenta a novidade de ser levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, cuja nota daremos em um dos proximos numeros.

Pontos de reunião

Agenda

Hoje a nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» Tivoli, sessão da moda e amanhã de tarde na «matinée» do Salão Foz e á noite no Cinema Condes «soirée» da moda.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos — A's 21,30 — Recita dos quintanistas de direito.
Nacional — A's 21,15 — «O Abade Constantino».
Trindade — Não ha espectaculo.
S. Luis — A's 21 — «Fato de Hotel».
Politeama — A's 21,30 — «A Massarcca».
Avenida — A's 21,15 — «El maestro Campanone» e «La Menteria».
Apolo — Não ha espectaculo.
Maria Vitoria — Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios — A's 21 — Companhia de circo.
Eden — A's 20,45 — Variedades e animatografo.
Salão Foz — A's 20,45 — Variedades e cinema.
Salão Alhambra — A's 21 — Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli — Avenida da Liberdade.
Olimpia — Rua dos Condes — «Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes — Avenida da Liberdade.
Salão Central — Praça do Restauradores
Salão Ideal — Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente — A' Graça — Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris — Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora — Largo do Calvario.
Eden Cinema — Rua do Alvito.
Salão-Rocio — Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem — Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise — Campolide — Quartas, quintas, sabados e domingos.

CRONICA DE VIAGEM

A Africa

é uma "blague"...

em que os africanistas nos querem fazer acreditar

(Do nosso enviado especial)

MOSSAMEDES, JANEIRO — Decididamente, a Africa litoral não tem interesse como Africa. Quando muito, interessa-nos como berço de uma civilização nascente, como janela de um continente virgem aberta sobre o mar, como teatro de um drama politico que as potencias europeias vêm representando ha uma centena de anos.

Quem quizer conhecer a verdadeira Africa tem que ir ao interior, tem que sentir perto de si o murmurio da floresta virgem, tem que ver o indigena na sua libata humilde do sertão.

Em Angola, já não é dificil viajar. Além das suas três grandes linhas ferreas: a de Malange, a de Benguela e a de Mossamedes, a provincia está hoje cortada de magnificas estradas em todas as direcções. A estrada e o automovel têm feito mais a favor da pacificação de Angola do que quatro seculos de ocupação militar. Uma revolta do indigena, hoje, só será possivel se fôr provocada, ou por uma injustiça flagrante de administração, ou por uma intriga politica de alguma boa alma cristã.

Quero referir-me ás missões protestantes, inglesas e americanas, que estão realizando hoje em Angola uma obra desnacionalisadora, altamente prejudicial para os interesses portugueses e para o prestigio da bandeira bi-color.

O indigena que é educado nesses centros de cultura protestante — o «calcinhas» — sai de lá com uma grande admiração pela Inglaterra ou pela America e com um profundo desprezo por Portugal. Basta um exemplo, para ver como os missionarios protestantes ministram a educação civica ao indigena de Angola.

Para immpressionar o espirito simplista do gentio fazem esta comparação: —Portugal é um ovo e a America um pedaço de madeira.

—Vês como a madeira parte o ovo? Portugal não vale nada, tem pouca força; a America vale muito e é poderosa.

E é á custa dos ovos que as nossas galinhas põem que os missionarios estrangeiros educam os seus pupilos, em vez de fazerem leite-creme, o que seria muito mais util para a civilização...

Quando o general Norton de Matos visitou a Lunda, um sargento português foi encarregado de avisar certa missão americana da sua chegada. O sargento não voltou. Mais tarde apareceu morto. Ninguem desvendou o misterio da sua morte. E os missionarios, para mostrarem o seu poder e a sua influencia sobre o indigena, explicaram ao Alto Comissario que os animos andavam exaltados entre o gentio contra o governo português.

E' o major Aragão quem me conta esta historia, que prova á evidencia a má fé dos processos usados pelos missionarios esrangeiros para desacreditar Portugal aos olhos do indigena.

Não ha naquilo que escrevo sombra de chauvinismo. Ha apenas o desejo de informar o mais veridicamente possivel a opinião publica, que ainda hoje vive alheia e perfeitamente desinteressada daquilo que se passa nas colonias.

O processo que se deve usar para contrapôr á acção dissolvente dos missionarios ingleses e americanos, o contra-veneno da intoxicação anti-nacional que eles provocam no indigena, é o recrutamento dos seus pupilos para o serviço militar.

E' claro que isso não exclue uma vigilancia rigorosa sobre as missões estrangeiras e a expulsão imediata dos missionarios que exorbitarem da sua missão.

Como contraste, faz pena ver como definham e vão rareando cada vez mais as nossas missões religiosas que tantos serviços prestavam a Portugal, com um admiravel espirito de abnegação e de sacrificio bem digno de melhor protecção. Toda a gente em Angola defende a sua acção civilizadora, ao mesmo tempo que condena impiedosamente a ineficacia das missões laicas.

A teimosia politica e o fanatismo vermelho deram este resultado: enquanto as missões estrangeiras exercem livremente a sua acção em territorio português, as missões portuguesas fecham as suas portas por falta de recursos!

Visitei uma missão catolica: a da Huila, que é hoje dirigida por um padre francês, o reverendo Bonnefou. Em verdade vos digo, como se diz no Evangelho, que me deixou uma consoladora impressão de conforto moral e de resignação cristã. Missões como as da Huila, dirigidas no bom sentido, onde o indigena aprende uma instrução pratica e onde o trabalho está maravilhosamente organizado, merecem toda a protecção, e mais do que a protecção o reconhecimento, das autoridades portuguesas.

Apesar da humildade com que praticam o seu mister, e talvez por isso mesmo, os padres franceses da Huila estão realizando uma obra altamente civilizadora e de uma grande utilidade para os interesses portugueses.

Na modestia encantadora das suas vestes brancas e na simplicidade cristã das suas maneiras, dirigindo o trabalho na oficina, na horta, no pomar e na igreja que estão construindo, educando o indigena em diversos misteres, os bons padres da Huila são os verdadeiros propagandistas da doutrina democratica do meigo Nazarêno sobre a terra de Africa.

* * *

Estas considerações vêm a proposito do encanto de viajar no interior de Angola. E' nestes passeios ás regiões afastadas do litoral que melhor se aprende a conhecer a Africa.

Mas deixem-me dizer-lhes, em conversa amena, que a Africa, tal qual a gente a fantazia num terceiro andar da Baixa, não existe. A Africa selvagem, a Africa misteriosa do leão e da pantera, a Africa lendaria dos crocodilos só existe nos livros de viagens. E' possivel que alguem a tenha encontrado, procurando desvendar a alma oculta do sertão; ha mesmo quem tenha á beira do leito a pele curtida de algum animal feroz. Mas eu chego a convencer-me de que as peles são fabricadas na Alemanha e pagam direitos de importação nas alfandegas africanas...

Fui a Dala Tando, no Quanza-Norte; viagei nesse maravilhoso vale da Zondo, sobre os viadutos lançados através de uma região montanhosa, cortada de vales profundos; dormi em pleno sertão, numa fazenda de café; experimentei não sei quantos meios de transporte; estive em Cassoalala, — um nome que vale um poema sertanejo — para além do qual fica o vale rionho do Lucala, a ponte sobre o Luinha e a ruinas da fundição de Oeiras, do tempo do Marquez de Pombal; desci o Quanza até Calundo, o Quanza ninho de crocodilos, onde não vi um que tivese mais do seis palmos de comprimento; acampei no mato, sob a barraca de um empreiteiro amavel, que nos forneceu em pleno descampado um «lunch» digno da melhor pastelaria de Lisboa; subi ao Huambo, no planalto de Benguela, a quatrocentos quilometros do litoral, uma cidade que é ao mesmo tempo celeiro, pomar e jardim de provincia de Angola; atravessei, portanto, uma região onde os africanistas dizem que abundam o leão e outros animais ferozes; admirei a beleza florescente do planalto, que pela fertilidade do solo e pelas admiraveis condições do clima ésta destinado a exercer hegemonia economica e politica sobre toda a provincia de Angola; passei em Caála, a risonha povoação da linha de Benguela, onde se vendem «os finos bissoitos de leite manipulados com o maximo aceio»; fiz cem quilometros á hora na estrada de Bailundo; tomei o caminho de Mossamedes, deslumbrei os meus olhos na passagem da serra da Chela, que não deve, por certo, haver outra maravilha igual em toda a Africa; admirei a paisagem europeia do Lubango, as suas hortas como as não ha mais ferteis em todo o Minho, o seu clima semelhante ao do norte de Portugal, (estamos a 1.800 metros de altitude) a sua vida estructuralmente portuguesa, a hospitalidade amavel dos seus habitantes, o encanto português da sua capelinha de Nossa Senhora do Monte, os grandes carros boers puxados a muitas parelhas de bois e a elegancia plastica das muumbes — as mulheres da região; assisti a batuques guerreiros de bailundos, em noites de luar, sob a scintilação das estrelas — e da Africa, da verdadeira Africa, ficou-me a impressão amavel de um continente rumoroso, pitoresco, imenso e pacifico, que recebe o viajante hospitaleiramente, repartindo com ele o seu leito e o seu pão.

De aminais ferozes só vi algumas peles inofensivas e bandos pacificos de gazelas que passeavam a sua aristocratica elegancia pela extensa planicie de Mossamedes. Quando chegar a Lisboa, já o declarei, a minha primeira visita será ao Jardim Zoologico, onde se refugiou a Africa feroz e selvatica dos livros de viagens...

NORBERTO LOPES

A Cidade

Chá das cinco

Um martir dos nossos

Foi hoje a enterrar um jornalista. Foi a enterrar—como é doloroso confessá-lo sobretudo quando se acredita na justiça de Deus!—por ter cumprido o seu dever. E, então, verdade que se morre por—cumprirmos o nosso dever? Sim, é verdade. Di-lo o esquife de um jornalista. Di-lo o cadaver de um belo companheiro que no silencio misterioso da morte recebeu a gloria que talvez nunca a vida lhe daria.

Foi hoje a enterrar um jornalista. Cada profissão, como toda a religião e como toda o ideal, tem o numero glorioso dos seus martires. O jornalismo tem, tambem, os seus. E que belos martires, tão humildes, ás vezes, como o deviam ter sido as sombras cristãs das velhas catacumbas romanas, que belos martires não conta a devoção ingrata e rude das gasetas!

Mario Graça não morreu por ter escrito de mais, por ter andado de mais, por ter sofrido de mais—como alguns outros irmãos nossos, recolhidos, ha mais tempo, na eternidade fria dos tumulos. Morreu por ter voado para, com mais emoção e belesa, a sua pena de jornalista humilde poder, depois, escrever. Morreu por ter excedido a fronteira da sua profissão. Morreu por ter sonhado de mais! Mas se a morte o levou, se Deus assim o quiz, fica na nossa memoria o seu gesto, o seu sonho, o seu desejo sagrado de tudo ver até ao fim...

Alves Martins

A beneficencia do Governo Civil

Os 13.000 escudos que a Companhia de Credito Predial Português entregou ao sr. governador civil, foram distribuidos pelas seguintes casas de beneficencia: Cosinhas Economicas, 2.100 escudos; Lactarios das freguezias de S. José, S. Nicolau e Caminhos de Ferro, 883 escudos a cada um; Benificencia da freguezia de S. Mamede, Associação Protectora das Crianças e Protetion de La Jenne Fille, 250 escudos a cada uma; Cantinas de Alcantara, Graça, S. Cristovão, Arroios, S. Miguel, Monte Pedral, S. Mamede, S. José, Camões, Marquês de Pombal, Santa Catarina, Castelo e Alberto Costa, a 500 escudos cada uma; Caixa de Auxilio aos Estudantes Pobres e Jardim Escola João de Deus a 500 escudos cada.

O DESASTRE do «Breguet» 13

Na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, mandou hoje, a familia do desditoso tenente aviador José Carlos Pissarra, rezar uma missa, a que assistiram muitas pessoas, entre as quais todos os oficiais da Aviação Militar.

E', felizmente, melhor o estado do tenente Luis Caldas, havendo fundadas esperanças de o salvar.

A SEMANA de Cañero

Continuam os festejos em honra de D. Antonio Cañero. A direcção do Club «Os Patos» ofereceu ontem ao notavel *caballista* e ao grande pintor Ricardo Marin, um jantar que decorreu muito animado. As salas estavam lindamente decoradas com pinturas de Jorge Barradas, sobre motivos espanhois, que mereceram a Marin palavras da maior admiração.

"SANGRE Y ARENA„

Cañero

explica ao "Diario de Lisboa„

as bases e as razões do seu toureio a pé e a cavalo

As impressões causadas em Portugal pela estreia de D. Antonio Cañero são diversas, ainda que todas sejam de molde a considerá-lo um cavaleiro insuperavel e um toureiro inteligentissimo. Pelos cafés, pelos clubs taurinos, por toda a parte onde se reunem aficionados, é a sua arte motivo de desencontradas opiniões que formam o ambiente creador dos grandes interesses tauromaquicos, tal como a aparição de Belmonte e todos os acontecimentos que acaloram discussões, formam partidos e enchem as praças.

Quando se discute um artista «algo tiene»; em troca, ai daquele que não é discutido!

Numa semana de tanta celeuma, era interessante escutar o interessado e por isso o fômos ouvir ácerca da sua estreia em Lisboa:

—Começarei por confessar-lhe — diz-nos o «gentleman» cordovez — que unicamente vi tourear um cavaleiro português, de cujo nome não me recordo, e ha bastantes anos, em Elvas. Depois disso, vi um dia o meu patricio «Guerrita» «jugar» a cavalo com um bezerro numa festa de campo, seguramente com recordações que conservava das suas vindas a Portugal. Não fixei maneiras nem sortes, e continuei como cavaleiro nos concursos hipicos e como toureiro amador, em varias corridas, e quasi sempre acompanhado do meu amigo Julian Cañedo.

—Como lhe nasceu a idéa de reunir as suas extraordinarias faculdades de equitador e toureiro?

—Foi-me inspirada pelo Infante D. Carlos de Bourbon ao convidar-me para reviver o «rejoneo» espanhol numa corrida de beneficencia em Sevilha. Procurei um cavalo capaz para cumprir os seus desejos e encontrei a «Cotufa», que era então propriedade do toureiro «Algabeño».

—Depois...

—Depois como me animassem a continuar em Espanha este toureio tão bonito, por reunir a «aficion» ao cavalo e ao touro, continuei toureando e consegui uma das minhas melhores tardes com a minha querida «Bordeaux», uma «jaca» de excepcional construção e belo temperamento, dificil de tornar a continuar.

—Estudou as bases do antigo «rejoneo»?

—Sim, e entre os livros que consultei, recordo: «Reglas de torear a caballo», de Nicolás Rodrigo (1726), «Arte de rejonear a caballo», de Miguel Marcelo Tamari (1771), «La Fiesta de toros», de Josef de la Tixera (1884) e «Tauromaquia Española», de Pedro Salanoba (17[illegible]).

—E' nessas bases que assenta o seu toureio?

—Sim, e tambem nas necessidades que vou tentar explicar-lhe, aproveitando para responder a um bom e bem intencionado aficionado que se dignou escrever-me ácerca da minha estreia em Lisboa.

—Diga...

—Se toureio pelos dois lados, é pela razão de que quero prescindir de peões, uma vez que eu, cavalo e touro devemos ser os unicos elementos duma luta em que o peão só intervem quando o touro, doido do castigo do cavaleiro, se nega a dar combate, a não ser a um homem a pé. Ora, tendendo o meu trabalho, desde a saida do touro, para prepará-lo para a morte, daí a necessidade de fazer as passagens pelos dois lados, ao colocá-lo onde quero, e tambem a de cravar pela direita e pela esquerda para o igualar, tal como a pé se faz com as bandarilhas. Porque em Espanha, quando mato um touro a rojão, exigem-me que, pelo menos no outro, que me apeie para matá-lo. E, pobre de mim, á hora de matar, se antes o tivesse toureado só pelo lado direito. Além de que creio ser mais valorisavel o que se faz pela esquerda, pela razão simples de todos termos a facilidade intuitiva pela direita.

—Quanto á sua maneira de cravar?

—Os rojões, bastante mais pesados que a farpa portuguesa até ha dias desconhecida para mim, têm de ser colocados obliquamente. Com as bandarilhas, porém, busco sempre a colocação ao estribo e os que me têm visto sabem bem que o consigo.

—E toureando de «muleta»?

—Toureando de «muleta», faço-o de pé, erguido, por naturais e de peito, ou fazendo dobrar o touro, quando necessito para o dominar. Raras vezes emprego o «molinete», como não seja dentro de «cacho», e detesto o toureio de joelhos porque creio que só nos devemos pôr de joelhos só para rezar. Além de que no toureio de «rodillas» o touro tem de passar mais longe e só se convence a galeria.

—Tem-se comentado a posição do seu braço.

—Imagino que o braço só deve esticar-se na altura de cravar, conservando-se até lá recolhido, o que é mais estético para o cavaleiro e está mais dentro do toureio. A pé, o bandarilheiro sae com os braços abertos para só os reunir ao cravar. Sair a cavalo já com o braço preparado para a sorte, para a sorte que os peões preparam, parece-me o mesmo que caçar, de espingarda preparada, a caça batida por outros.

—Sabe que alguns cavaleiros portugueses tiveram igual compreensão do toureio a cavalo, tanto quanto possivel sem peões, e preparando eles as sortes.

—E' natural. Eu não pretendo ser o unico possuidor desta verdade cheia de tradição, porque outróra os peões, que eram a plebe, não intervinham antes da hora da chacina da féra.

—Em conclusão...

—Em conclusão: ao vir a Portugal, não pretendi deslumbrar ninguem, mas unicamente exibir a minha maneira, a que tenho de usar em Espanha e que não copiei de ninguem. O meu toureio vive mais da emoção que da «filigrana». Da emoção de sair com o touro engarupado, quasi colhido, sujeito a um resvalão quando não ha quem nos faça o «quite» e a morte é certa. O ensino dos meus cavalos, não lhe permitindo desobediencias é o necessario com touros «en puntas», onde uma desobediencia póde custar uma vida. Quanto á acusação que me é feita, do uso de «serreta», devo assegurar-lhe, e estou pronto a demonstrar que adopto o usado em toda a Andaluzia, sem modificações, e sem nada a mais ou a menos. O que faço nalguns cavalos como na «Bordeaux», é atenuar com borracha o freio usado por todos os meus patricios. Como vê, não só lhes não dou mais castigo, mas até os alivio. Desejaria saber tambem quais são as regras que condenam as levadas a que obrigo os meus cavalos. Se elas existissem, evitaria o trabalho de os levar ao que reputo dificil, potranto valorisavel. E não me falem de regras portuguesas aplicadas a um toureio que não copiei dos portugueses. Perdôe este desabafo de quem necessita comunicar com o publico e ser compreendido como o tem sido tão cordealmente pelos maiores nomes de Portugal, na aquitação e no toureio. Não lh'os cito, porque são amigos que já conto no numero dos que exigem discreção e recato.

E mais não disse o «caballista» que no proximo domingo vai alternar com Simão da Veiga Junior, apeando-se ambos para tourear de «muleta» com o fato andaluz de campo.

NOVA CASA DE ESPECTACULOS

VAI inaugurar-se em breve o teatro Joaquim de Almeida

Dois artistas modestos, inteligentes e cheios de actividade, Francisco Judicibus e Casimiro Tristão, acabam de vêr realizados os seus projectos, que é, como quem diz, os seus sonhos dourados: a conclusão do novo teatro da Praça do Brasil, chamado «Joaquim de Almeida», interessante casa de espectaculos destinada ao genero popular, onde se encontra bom gosto, conforto e tudo o mais que o espectador exige para passar umas horas recreando o espirito.

Para a sua inauguração, que será breve, convidaram a grande artista Palmira Bastos, gloria da scena portuguesa, que, muito instada, irá ali desempenhar a protagonista da linda peça «A Sevéra», essa obra admiravel de Julio Dantas, que vive na emoção do povo.

Palmira vai, portanto, apresentar-nos uma interpretação viva, como novo é, sem duvida, esse aspecto curioso da sua vida artistica que, por certo, a maleabilidade do seu talento vencerá, ela que sabe chorar e sorrir, ela que sabe sentir e amar, ela que conhece, pelo seu estudo profundo, todas as ilusões e desilusões da existencia humana.

Inaugura, pois, lindamente, o «Joaquim de Almeida», porque nos dará uma noite soberba de verdadeira arte, de uma intensa beleza e de uma forte realização de verdade, noite que marcará, sem duvida, nos fulgurantes exitos do teatro português, e que será para a grande Palmira Bastos uma das que poderá considerar de maior gloria.

Ao lado da ilustre actris encontrar-se-hão artistas de incontestavel valor, escolhidos cuidadosamente, de forma que o conjuncto da «Severa» resulte o mais equilibrado possivel. Palmira terá quem a acompanhe na amorosidade infinita da sua nova interpretação. E' uma satisfação para ela e uma noticia agradavel para o publico.

Outras surpresas—e surpresas verdadeiramente extraordinarias—nos preparam Judicibus e Tristão. São todas elas sensacionais. Por hoje, limitamo-nos apenas a registar o acontecimento artistico que vai constituir a inauguração do teatro Joaquim de Almeida, o que interessará Lisboa inteira que tem por Palmira Bastos não só admiração pelo seu belo talento, como adoração pelas suas excelentes qualidades de mulher.

O famoso drama «A Severa» está sendo ensaiado por Augusto de Melo, o distintissimo actor e professor da Escola da Arte de Representar.

Os maiores sucessos

AS ESTREIAS DO CONDES

No aristocratico Cinema Condes, continua no maior exito a grande super-producção «A Morte Cançada», que tem constituido um brilhante sucesso artistico. Ampliando o programa explendido, temos esta noute uma bela estreia, a comedia dramatica «Um parente pobre», magnifica interpretação de Will Roger, em conjuncto com outros maravilhosos *star*. Já na proxima terça-feira se estreia o magnifico cine-romance «Mandrin», o rei dos contrabandistas, cuja publicação tem constituido um enorme sucesso.

A Cidade

UMA ASSEMBLEIA GERAL

VAI resolver-se em breve o antigo problema das aguas?

Vai reunir-se aman. a assembleia geral da Companhia das Aguas, porventura a empreza mais discutida da capital, naturalmente porque dela depende a boa ou má organização de um serviço que interessa primacialmente uma população inteira e numerosa como a de Lisboa.

O sr. D. Tomás de Noronha, por exemplo, que é accionista além de consumidor como qualquer outro, encontrado hoje, casualmente pelo jornalista, precisamente quando dissertava num grupo de amigos sobre a politica administrativa da Companhia mal lhe demos ensejo para se manifestar, teve esta queixa que tomámos como ponto de inicio para o dialogo da entrevista:

—Calcule! Ha dois anos fui obrigado a sair da Assembleia sob o pretexto de que não tinha depositado a tempo as minhas acções (de facto, o deposito não tinha ainda três meses de idade) apesar do codigo comercial estabelecer que podia assistir; mas v. compreende, a Direcção receava o ataque e assim o evitou, até se chegou a propôr que se empregasse a violencia contra mim, pois aquela Direcção, tem sempre na assembleia uns comparsas decididamente a seu lado.

—São accionistas, esses amigos?

—Figuram como tal, mas v. sabe como se arranjam accionistas. Calcule que este ano, doze dias antes da assembleia geral ainda não estava feita a sua relação, que devia estar concluida em 4 de Janeiro, e á disposição dos interessados logo depois da distribuição do relatorio.

—Mas isso é contra a lei!

—Absolutamente! mas a Direcção não esperava que ali fosse alguem pedir esse documento; e quando lá apareceram três accionistas a solicitá-lo, ficou tão surpreendida que se limitou a apresentar a lista do ano anterior, como se fosse a actual. Aqueles meus amigos não se deixaram iludir e, tendo verificado pela capa do folheto não ser exacta a afirmação, retiraram-se edificados!

—Vocês que fim pretendem atingir?

—Abundancia de agua para o consumidor e para as regas, justa retribuição de capital que deve ser actualisada. Faça v. ideia que, sendo as acções de 100$000 réis antigos, equivalentes a dois contos actuais, pelo menos, têm hoje o dividendo de Esc. 6$50!

—A que atribue tamanha desvalorização?

—Isso, seria fazer-lhe a historia da administração da Companhia.

—Mas é verdade haver um decreto que estabelece esse dividendo?

—Efectivamente existe esse decreto, que até parece ter sido inspirado pela Direcção, tanto ele aproveita aos seus interesses e só aos dela.

—Para resolver esse problema será necessario aumentar o preço da agua?

—De modo algum! Penso até em conseguir o barateamento da agua para as classes menos abastadas e levar a população de Lisboa a poder consumir agua á sua vontade.

—Mas como?

—E' justamente a preocupação destes problemas que me leva áquela Assembleia. E v. bem vê que não cabe numa ligeira entrevista um assunto tão complexo. O que póde assegurar aos seus leitores é que se a Direcção não entravar este meu plano e dos meus amigos, o problema da agua em Liboa ficará resolvido dentro em breve.

O CONCERTO do Orfeon Academico de Lisboa

Na proxima quarta feira, realiza-se no Teatro de S. Luiz, o concerto anual do Orfeon Academico de Lisboa que cantará trechos de Mendelshon, Viana da Mota, Armando Leça, Herminio do Nascimento, etc. Toma parte no concerto o ilustre pianista Viana da Mota e da notavel harpista Lea Bach. O programa definitivo será publicado por estes dias, havendo já bilhetes á venda.

Amanhã, o sr. Embaixador do Brasil oferece um chá ao Orfeon.

QUE FAZ O GOVERNO?

Hontem e hoje ninguem quiz aceitar cedulas de 20 centavos apezar de muitas não serem falsas

O *Diario de Lisboa* não lançou o alarme da nota falsa. Recolheu apenas o alarme. Protestos do publico; fabricação desavergonhada, na provincia e em Lisboa; atritos, etc., etc.

A campanha contra a nota falsa é necessaria, para que o tesouro não se torne societario dos moedeiros falsos, garantindo-lhes quasi a impunidade. O governo precisa de tomar medidas. Não contra o publico, anulando-lhe os valores-papel, mas contra os fabricantes, levando-os ás cadeias.

Hoje, logo de manhã, Lisboa que vende não se entendia com Lisboa que compra, e a que compra com a que vende. Os garotos dos jornais não queriam aceitar cedulas de 10 e 20 centavos. Nos electricos houve conflitos entre os condutores e os passageiros. Nos mercados, scenas de pugilato. Nos cafés, discussões. Emfim uma fita animada, imprevista e pitoresca, com laivos de sangue violento aqui e ali.

O grito era este: a cedula! Eis o inimigo!! A cedula está banida! não tem valor! Riscada da circulação!

De quem é a culpa? Do publico? Do lojista? Não! Das autoridades que não reprimem a tempo o fabrico desenfreado, pessoalmente mais que o da Casa da Moeda.

—A quanto monta o volume das notas falsas?

Responde o sr. Leote, funcionario categorizado daquele estabelecimento do Estado.

—Não sei. Calculo alguns milhares de contos?

—Supunhamos 200...

—Muito mais...

—Em que baseia o seu calculo?

—Na percentagem...

E lembra:

—Ontem veiu aqui um funcionario de Cascais. Trazia quatrocentos mil réis em cedulas de 10 e 20 centavos. 70 mil réis eram falsos

—A Casa da Moeda o que faz?

—Não podemos trocar as notas falsas por boas. Recebemos aquelas e carimbamos de *Falsa. Falsa. Falsa.*

O sr. Leote solicito e atencioso mostra-nos um album, onde em grandes paginas de papel Prado estão coladas algumas desenas de notas falsas. E' a historia do fabrico.

Ha, pelo menos, cinco tipos diferentes de cedulas de 20 centavos e outras tantas de 10 e varias de 5. Formatos iguais. As cores é que variam na tonalidade e o desenho na correcção. Algumas ha, porém, tão bem imitadas, que a nossa vista confunde-as com as boas.

—Mas então...

—Esperamos medidas do sr. ministro das Finanças. Vamos hoje procurá-lo. Não podemos estar aqui a toda hora a receber reclamações. São os bancos, as casas comerciais, a provincia...

—O foco da fabricação...

—Em meu entender está em Lisboa.

Um colega do sr. Leote tem outra opinião:

—Está na provincia.

—Ha um meio, diz-nos o primeiro, é retirar da circulação as cedulas.

—Todas?

—Todas!

—Mas o particular?

—Em 91 houve tambem um caso igual. O Estado ficou com as notas falsas. Mas o seu montante era diminuto. Hoje, não pode, suponho, ser assim.

Seja como fôr, o publico é que não pode ficar prejudicado. Se a policia o tivesse defendido a tempo da praga da cedula falsa — não teriamos caído nesta degradação. O governo tem que encarar o problema rapidamente. O país já não aceita mais notas. O que se está passando em Lisboa, não admite duvidas algumas ácerca dos resultados do conflito que esta manhã se levantou em todos os pontos da cidade.

A nota — perdeu o seu valor. Até agora era boa — sendo falsa. Agora — é nula como o devia ter sido ha mais tempo. Mas o pobre garoto dos jornais? Os vendedores? Nós? Temos que ficar com elas como uma contribuição extraordinaria e unanime que nem ao Estado aproveita, porque os fabricantes clandestinos estão ricos, riquissimos? E' mesmo um erro paralizar a circulação das cedulas pequenas, porque esse facto resulta um aumento de carestia de vida. Tudo quanto custar menos de cinco tostões, em virtude daquela medida, passará a custar cinco tostões autenticos e definitivos.

Milhares de contos, em impressões succesivas — dizem nos! Um diluvio de papel falso, que inunda o país, que não se sabe donde vem, nem quem o imprime, e que nos afoga hoje, arruinando a nossa economia e o triste dinheiro que ganhamos.

Teatro da Trindade

Gente Lusitana!...

Eu vos envio muito Saudar. Hei por bem comunicar-vos que, tendo saido do meu Paiz, em viagem de recreio, deliberei visitar Portugal, em primeiro lugar, pelas muitas afinidades que a Patria de Camões tem, presentemente, com o **Meu Reino dos Cataventos.** A' falta de Palacio Real onde pudesse alojar-me e mais a Minha Comitiva, aceitei o convite do mais arrojado emprezario portuguez—José Loureiro—e vou instalar-me no **Teatro da Trindade**, velho templo de Reis, Princezas e Rajahs, levando comigo o meu tesouro recheado, intitulado **As Tangerinas Magicas**, com o qual espero contribuir eficazmente para a Felicidade d'este povo. Comigo vão a **Rainha Grimpa**, a **Princeza Ventoinha**, as duas flores mais cobiçadas dos Meus Reinos—**Flor de Pez** e **Flor de Neve**—a micha Feiticeira **Arthemiza**, o meu alquimista **Alcofribos**, os «Adonis» da minha Côrte, **Crista Rubra** e **Eloy** e o rancho alegre, capitoso, deslumbrante, das minhas **Bailadeiras**; das **Cortezãs** e demais damas e fidalgos, ostentando os riquissimos trajes que são todo o deslumbramento das minhas festas imponentes. Para constar e se fique sabendo que **todas as noites** darei recepção no meu improvisado **Alcaçar**, mandei que **O Destino** fizesse esta proclamação, no ano de Graça de 1925.

PAÇOS DO TEATRO DA TRINDADE,

El-Rei Catavento.

Pelos teatros

Teatro da Trindade

Reabre ámanhã as suas portas o teatro da Trindade. Este facto, que pode parecer banal, representa o maximo de esforços de tenacidade que se tem feito nos ultimos tempos.

José Loureiro, proprietario e empresario daquele teatro, tendo organizado a primeira companhia de operetas

JOSÉ LOUREIRO

e feeries que se forma em Portugal, vai fazer reviver a peça de maiores tradições de beleza, que se representou naquele teatro—«As Tangerinas magicas».

O publico saberá, como nós, avaliar o que representa esta tentativa do teatro de grande fantasia em Portugal, sabidas as dificuldades com que se luta para a reunião de elementos indispensaveis e, sobretudo, as somas que é necessario dispender.

Atrás do reposteiro

O espectaculo do Teatro Avenida, de ámanhã, pela Companhia Espanhola de Opereta e Zarzuela Pedro Barreto, realiza-se em homenagem ao toureiro espanhol D. Antonio Cañero, com o seguinte programa: A zarzuela, em 1 acto, «El maestro Campanone», que sobe á scena com «La Monteria», fechando a recita, a opereta, em 2 actos, «La Joven Turquia», interpretada pelos primeiros artistas da companhia.

—De acôrdo com a empreza do Politeama, o actor Gil Ferreira vai ingressar na companhia do Teatro Novo, apesar de assoberbado com os trabalhos de organisação da companhia que vai funcionar no Teatro do Ginasio, aceitou fazer um importante papel da peça «Knock», com que vai ser inaugurado o Teatro Novo.

—No dia 11 realiza no São Luis a sua festa artistica o actor emprezario Armando Vasconcelos sendo levado á scena alem da peça em 1 acto representada, em espanhol, pelos artistas Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, uma comedia pelas atrizes Lucinda e Lucilia Simões e outra comedia por Chaby Pinheiro e Jesuina de Chaby.

—No dia 15 realiza-se no teatro Politeama uma recita de homenagem ao actor Nascimento Fernandes, repetindo-se a comedia «A massarocа» e a revista «Vem cá não tenhas medo», em cuja representação entram muitos artistas dos nossos teatros.

—Os artistas Consuelo Archavala e Lusbel, que fazem a sua estreia em Lisboa, na festa anual do maestro Luís Gomes, que se realiza na noite de 13 do corrente no S. Luís, far-se hão ouvir a primeira em varios numeros de canto e o segundo em cançonetas.

—E' a 21 do corrente que se realiza no S. Luís a festa anual dos cronistas mundanos srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques.

—Estreia-se hoje, no Sá da Bandeira, do Porto, a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, com a primeira representação da peça «Era uma vez uma menina...»

—Volta ámanhã novamente á scena no teatro S. Carlos, a comedia «O sinal de alarme», pois que ainda ontem o publico encheu por completo aquela casa de espectaculos.

—Chama-se Virginia Neves a nova actriz-cantora, soprano lirico, que faz a sua estreia no teatro na opereta «Bayadeira», em ensaios no S. Luís.

—Realiza-se segunda-feira na Academia Recreativa de Lisboa uma recita promovida por um grupo de amigos em homenagem aos artistas Rogelio Cardó Torres e Augusto Torres com uma interessante comedia e um acto de variedades, na qual tomará parte a «Troupe Gounod».

TEATRO DE S. CARLOS
TELEFONE C. 3063

HOJE, ás 21,30 (9 1/2 da noite)

Recita dos Quintanistas de Direito

Amanhã

O Sinal de Alarme

Notabilissimo trabalho de Lucília Simões

Bilhetes á venda, sem locação.

Fauteuils, 9$00; camarotes, 40$00, 30$00, 2 $00 e 12$00; galeria, 2$500.

TEATRO NACIONAL
telef. N. 3049

HOJE, ás 21-15

GRANDIOSO SUCESSO

com a notavel comedia

O Abade Constantino

MAGNIFICO DESEMPENHO

Protagonista—Chaby Pinheiro

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. N. 4356

AMANHA

DEFINITIVAMENTE, ESTREIA DA

GRANDE COMPANHIA DE OPERETAS E FEERIES

Peça de inauguração

AS TANGERINAS MAGICAS

Scenarios deslumbrantes — Guarda-roupa riquissimo

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — A's 9 horas da noite

RATO DE HOTEL

"FRANCINE" Auzenda de Oliveira

PO D'ARROZ D'ARTISTAS

O mais adherente. Amacia e aveluda a pelle, dando-lhe os tons mates da Juventude

O preferido pelas primeiras artistas

Caixa 8$50=12 caixa 5$00

PERFUMARIA MENDONÇA

43—Calçada do Combro—47

LISBOA

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.°

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO 140

ATENÇÃO!...

Não ha calça elegante sem a fita

"UNIC"

Maravilhoso invento inglês

Conserva sempre o vinco das calças
Nunca mais desaparece!
Não faz joelheiras
Resiste a todas as grandes molhas
Economiza muito dinheiro
Não estraga a fazenda das calças
Conserva sempre a linha recta e elegante
Dá distinção
Evita o aspecto de pobreza e de abandono

Calça sem «UNIC» — Calça com «UNIC»

Não é preciso voltar a passar a ferro

Preço de reclame: Fita para uma calça, 7 Escudos

Para a provincia franco de porte

Depositarios: MAISON BLANCHE

ROSSIO, 16

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082

DINHEIRO

Empresta-se sobre Joias, Ouro, Prata, Platina, Fazendas, Maquinas de Costura e de Escrever, Mobilias, Pianos, Antiguidades e tudo que ofereça garantia na

A IDEAL L.DA

Rua da Assumpção, n.° 88, 1.°,—Telef. N. 5180

Esta casa tem uma secção especial para emprestimos sobre AUTOMOVEIS, motos, bicicletes, carruagens, etc.

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento

VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 %

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos

MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Rua do Desterro, 17 a 29

CIMENTO "TEJO"

PORTLAND ARTIFICIAL

PREÇOS RESUMIDOS — TELEFONE C. 233

ANTONIO MOREIRA RATO & F.OS, L.DA

RUA 24 DE JULHO, 54-F, LISBOA

Politeama
Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

HOJE, ás 9-30

A Massaroca

Nascimento Fernandes no papel de «Padre Lino»

Abre a assinatura no dia 8 para os assinantes da Companhia JEAN HERVE', para os espectaculos da

"Tournée" FRANCE ELLYS

que se realisam de 22 a 27 do corrente.

Teatro AVENIDA
Telefone N. 4356

EMPRESA JOSE' LOUREIRO

HOJE, ás 9-15, 3.ª recita assinatura pela Grande Companhia de Opereta e Zarzuela, dirigida pelo 1.° actor PEDRO BARRETO

AS ZARZUELAS, respectivamente em 1 e 2 actos

EL MAESTRO CAMPANONE

LA MONTERIA

Amanhã, recita de homenagem a D. Antonio Cañero

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

Empresa Conceição Silva, Ltd.

HOJE, em sessão permanente desde as 8 45 da noite

ENORME EXITO das maravilhas artisticas

JULITA CASTILLO encant. coupletista

DE YORKS numero de forças combinadas

SASETAS sensacional numero de acrobacia

BONECA ANIMADA pelas irmãs Obiol

Lindissimas fitas animatograficas

Brevemente MAIS ESTREIAS

TEATRO SÃO LUIZ
Empresa A. Ramos, Ltd.

Segunda-feira, 6, e terça-feira, 7 de abril, ás 9 horas e meia da noite

Dois unicos concertos

da celebre cantora MARIA BARRIENTOS

e do insigne pianista Tomás Terán

Bilhetes á venda separadamente para cada concerto

Vapor "LUNA"

Da casa

Salomão, Benoliel & Azancot, Lda.

Rua do Ouro, 87, 1.°-E.

Telef. C. 5395

A sair em 15 de Abril

Começa a carregar na muralha de Alcantara no dia 12 de Abril para:

PORTO (Douro), FUNCHAL, LAS PALMAS, SÃO VICENTE, PRAIA, BISSAU, BOLAMA, SÃO THOMÉ, BOMA, NOQUI, MATADI e LOANDA.

Recebe passageiros.

Agentes no Porto

Francisco Ribeiro Cepêda & C.ª

Alameda Basilio Teles, 29 a 33

Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas.

Cura em pouco tempo a queda do cabelo.

Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.

A Juventude é sobre tudo um remedio preventivo da calvicie.

Unico depositario:

Drogaria DIAS

Rua dos Fanqueiros, 342 e 344. Agente no Porto: Adolpho Hofle, Ltd., Rua Sá da Bandeira, 205. = Frasco, 12$50; pelo correio, 17$50.

ESTRANGEIRO

LONDRES

FOI

solicitada

a intervenção da S. N.

no sudoeste africano

devido a uma insurreição

LONDRES, 3

O «Daily Express» de Capetown, diz que os indigenas do sudoeste africano ex-alemão, se insurgiram, pedindo a intervenção da Sociedade das Nações, a fim de obter completa independencia.

Todas as forças da União Sul-Africana foram mobilisadas. Reina grande agitação em Behuaana e Basutoland.—(H.)

Lord Balfour

e a viagem á Palestina

LONDRES, 3

Comunicam de Jerusalem que, tendo corrido o boato de que Lord Balfour tinha a intenção de visitar a Mesquita de Omar, as portas do templo foram imediatamente encerradas, concentrando-se em torno dela grande numero de mussulmanos, decididos a evitar por todos os meios ao seu alcance a entrada do representante britanico. O boato foi, porém, desmentido pouco depois.

Lord Balfour visitou, sem incidente, a igreja do Santo Sepulcro e a da Natividade, de Bethlem

As autoridades submetem o correio do Lord a uma rigorosa censura, não lhe tendo sido entregues mais de 100 telegramos, enviados por agremiações e particulares arabes, por conterem ameaças.—(L.)

LONDRES, 3

O Ministerio do Interior anunciou que a hora de verão terá inicio ás duas horas, pelo meridiano de Greenwich, de domingo 19 do corrente —(L.)

LONDRES, 3

Faleceu ontem o vice-almirante sir. Michael Culme.—(L.)

EM FRANÇA

O capitão

Jacques Sadoul

está sendo novamente julgado

pelo crime de deserção

Em Orleans, na sala de audiencias, séde extraordinaria do Conselho de Guerra, está agora sendo novamente julgado o celebre capitão Jacques Sadoul que, acusado de traição á Patria, se refugiou na Russia, onde foi comissario dos «Soviets».

Sadoul está livre. Calmo, á vontade, penetrou no tribunal cheio de publico, e conversou com os seus advogados, o deputado André Berthou, e Flach, e com alguns jornalistas politicos. Depois sentou-se no banco dos reus, sem escolta, desta vez.

Espera-se que a audiencia dure, pelo menos, uma semana...

* * *

Preside ao conselho o coronel d'Escrienne, comendador da Legião de Honra.

O comandante Graud continua a ser o delegado do Ministerio Publico.

Um descarrilamento evitou que muitas testemunhas tomassem parte na audiencia.

O escrivão lê o libelo, remexendo constantemente estas palavras: ministerio do armamento... zelo louvavel... missão militar... cartas a Albert Thomas... Internacional... «persona grata» junto de Lenine...

O comandante Grand levanta-se e indica ao conselho que não pode declarar-se competente para apreciar factos posteriores á desmobilisação de Jacques Sadoul:

—Tendo o estado de sitio cessado em 12 de Outubro, e sendo a ordem de informar o processo, de 19 de Outubro, somos incompetentes para julgar a acusação de entendimentos com o inimigo, de aliciamento por conta do inimigo e de provocação de militares á desobediencia.

Resta apenas a deserção, visto que a classe de 1901, a que pertence Sadoul, foi licenciada em 7 de Março de 1919, quando o antigo capitão, em missão na Russia, é acusado de, em Janeiro de 1919, deixar de obedecer e de responder ás ordens da autoridade militar.

O defensor Flach:

—O abandono dessas acusações principais é um duro golpe no extranho processo de 1919. Então, Jacques Sadoul foi julgado nas trevas. E a prova está em que, em 12 de Janeiro deste ano, o delegado do Ministerio Publico pediu-vos um suplemento de informação. Jacques Sadoul foi condenado á morte por factos que vós hoje regeitais. E' a ruina da acusação feita pelos servidores de Clémanceau.

O comandante Grand declara que o governo de Clémenceau não tem que ser julgado, e André Berthou grita:

—Ele morreu

—Ainda não

—Eu quero dizer o seu governo...

Em seguida o conselho retira-se para deliberar. Minutos depois é lida a decisão em que o tribunal só se confessa competente para julgar o crime de deserção.

Jacques Sadoul: — Eu não posso ouvir essa acusação, visto que nunca recebi a ordem de deixar a Russia e de voltar á França.

O coronel: — Afirma que nunca recebeu qualquer ordem?

O antigo comissario do povo defende-se veementemente de ter «abandonado a bandeira».

DE PARIS

FOI

nomeado

ministro das Finanças

o deputado De Monzier

substituindo Clementel

PARIS, 3

Clementel expôz ontem, no Senado, a situação financeira da França, e defendeu as medidas por ele propostas como ministro das Finanças, para resolver a crise financeira.

As declarações do sr. Clementel deram logar a um largo debate, que foi revestido de grande excitação, e no qual tomou parte o chefe do governo que se manifestou em certo desacordo com o seu ministro das Finanças.

O conselho de ministros reuniu-se ás nove e trinta da noite para apreciar o incidente e a situação governamental dele resultante, prolongando-se a sessão até ás cinco horas da madrugada de hoje.

Ao terminar o conselho, foi publicada uma nota oficiosa comunicando-lhes que o sr. Clementel havia apresentado a sua demissão de ministro das Finanças, no decurso da sessão, a qual fôra aceite, e que o conselho de ministros havia deliberado nomear o senador sr. De Monzier para o susbtituir.

De Monzier

vai segunda-feira ao Parlamento

O senador De Monzier declarou esta manhã aos jornalistas que havia aceitado, ás primeiras horas do dia de hoje, o encargo de substituir o sr. Clementel, e que a sua obra dentro do governo será revestida daquele caracterisado liberalismo, pelo qual tem sido elogiado ou atacado, conforme a corrente politica daqueles que o criticam.

O novo ministro anunciou a apresentação ao Parlamento, na proxima segunda feira, de uma proposta de lei relativa á forma de assegurar as necessidades do tesouro por um novo aumento de circulação fiduciaria, ao qual se opunha tenazmente o sr. Clementel, o que originou a sua queda. — (L.)

Os Raios X

e coms se curam as suas queimaduras

PARIS, 3

Na ultima sessão da Academia das Sciencias foi lida uma nota dos srs. J. Risler e P. Mondin, na qual se demonstra que as queimaduras produzidas pela acção dos Raios X pódem ser curadas pelos infra-vermelhos, e quando aplicados em seguida aos Raios X, não dão logar á declaração da radiotermite, ou a qualquer alteração essencial.

Os dois sabios decidiram utilisar um filtro de materia "plastica" transparente, apenas para o vermelho e o amarelo, para assim filtrar os Raios X, expurgando-os das suas más radiações. — (L.)

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Londres, cheque	98$25	98$50
*/Paris...........	—	1$06,5
* Madrid..........	—	2$95
*/New-York	—	20$65
*/Amsterdam....	—	8$27
*/Suiça...........	—	3$98

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Bruxelas........	—	1$05
*/Italia...........	—	$85
*/Praga...........	—	$62
*/Brazil...........	—	2$20
Libra esterlina...	103$00	110$00
Agio do ouro....	—	—

A TARDE PARLAMENTAR

QUESTÃO

Veiga Simões

e a circulação

de cedulas falsas

O sr. dr. Brito Camacho diz que, num país em que o dinheiro falso tem maior circulação que o verdadeiro, se vê obrigado a apresentar, junto do governo, o seu protesto contra a enorme quantidade de cedulas falsificadas que por aí circulam e que agora começam a ser recusadas. Pediu providencias energicas, porque é preciso toma-las, para evitar outras complicações.

O sr. ministro do Interior respondendo, disse:

—Acho justa a reclamação e vou tomar todas as providencias.

O sr. Joaquim Ribeiro faz a sua interpelação sobre o caso Veiga Simões.

Começou por aludir aos casos dos T. M., aos Bairros Sociais e outros. Da impunidade têm resultado todos estes casos que tão mal depõem a proposito das coisas portuguesas.

Fez justiça ao antigo ministro dos estrangeiros que suspendeu o sr. Veiga Simões.

Isso valeu lhe um insulto, por decerto, do ministro de Portugal em Berlim. O insultado era ainda superior hierarquico do sr. Veiga Simões.

Veio o seu sucessor e lançou sôbre a sindicancia a nota de *arquive-se*. E acrescentou:

—Qual é a situação dos que o acusam! Vão para a cadeia?!

O sr. Veiga Simões é acusado:

—Da falta de relações diplomaticas, da sonegação de correspondencia particular, da intervenção de um grofessor de dança em assuntos oficiais; da venda de um consulado, por intermedio de Schultz, o dançarino, á vista de documentos mais ou menos verdadeiros.

O caso Rendeiro: Do processo de sindicancia consta que o dançarino teve com o o português Rendeiro uma questão numa casa de dança. Para se vingar, o dançarino conseguiu que o ministro se queixasse ao general Nollet, comandante das forças francesas de ocupação, acusando-o de espião.

E concluiu requerendo a publicação do relatorio no «Diario do Governo».

* * *

O sr. ministro dos Estrangeiros começou por explicar a nomeação do sr. Veiga Simões e a recusa do visto do Conselho Superior de Finanças. O ministro insistiu e a nomeação foi feita.

Como chègasse a hora de se entrar na Ordem do dia, o sr. presidente fe-lo sentir.

Estabeleceu-se confusão, porque se dizia que acima do caso Veiga Simões, estava a proposta dos fosforos, visto que, em 25 do corrente, terminava o contracto.

O sr. Carvalho da Silva insistiu n'este ponto, porque, dizia, não querer que o assunto fosse abafado.

A Camara autorisou o ministro dos estrangeiros a proseguir, e este leu o processo, leitura que continua á hora de se encerrar esta nota.

A RECITA

des quintanistas de Direito

O Chefe do Estado assiste á recita de despedida dos quintanistas de Direito que hoje se realiza no teatro de S. Carlos, com a revista «Legislação e juris... demencia».

A POLITICA DA TARDE

Os fundos

PORTUGUEZES

voltaram a ser cotados

na Bolsa de Paris

Uma noticia sensacional: foi restabelecida em Paris a cotação dos nossos fundos da divida externa nas mesmas condições em que eles se encontravam antes do decreto de junho de 1924.

Afirmou-nos isto, em entrevista *à sensation*, o sr. dr. Alberto Xavier, director geral da Fazenda Publica.

—Tenho a autorisação do sr. presidente do governo, que se encontra doente, desde ontem, para tornar publicas as informações que lhe vou dar.

—E essas informações...

—Versam sobre a cotação dos nossos fundos.

—Em França, as cotações dos nossos fundos, principalmente da divida externa de 3 %, foram suspensas na Bolsa de Paris desde 20 de junho de 1924, não como represalia, mas como uma medida de prudencia para evitar transtornos prejudiciais ou perigosos, visto ter causado na praça de Paris certa emoção a medida do governo sobre a divida publica.

—Essa medida...

—Tinha por fim separar os portadores estrangeiros dos nacionais. Os primeiros continuavam a receber em ouro; os segundos passavam a receber em escudos. Para este efeito estabeleceu-se que seria feita a carimbagem dos titulos em Paris e Londres de todos os portadores estrangeiros, domiciliados lá fóra.

—Houve equivocos?

—Sim; levantaram-se equivocos em França sobre o alcance dessa medida. Os portadores franceses, quer por via diplomatica, quer por outros meios, ofereceram resistencia á execução do decreto. Mas com a minha ida a Paris todos os equivocos foram desfeitos, completamente desfeitos, a ponto da Associação Nacional dos Portadores Franceses de Valores Mobiliarios se comprometer a restabelecer a cotação dos fundos nas mesmas condições em que eles se encontravam antes do decreto de junho de 1924. Hoje mesmo foi recebido este telegrama anunciando a cotação do primeiro do mez a 120, 125—2.ª serie.

—Esse facto...

—Tem uma importancia que carece de ser enaltecida. A noticia do restabelecimento internacional da cotação dos nossos fundos foi publicada ao mesmo tempo em 14 jornais franceses—como lhe posso provar, querendo.

—O nosso credito...

—Acaba de ser valorisado e a repercussão do facto em Londres, onde a cotação dos nossos fundos nunca foi interrompida, deve ter causado, ao nosso credito, uma melhoria absolutamente consoladora para nós. Eis uma realidade cujos efeitos beneficos se farão sentir dentro em pouco.

Um contra-projecto

sobre a questão dos fosforos

Como nota mais interensante na discussão na Camara dos Deputados, do problema dos fosforos, ha o novo contra-projecto do deputado sr. João Camoezas que, por oportuno, conseguimos obter e damos na integra:

Proponho que as propostas contidas nos pareceres em discussão sejam substituidas pelo seguinte contra-projecto de lei:

Artigo 1.º — E' o governo autorisado a estabelecer a exploração do exclusivo do fabrico e da venda de pavios ou palitos fosforicos e de acendedores, de acordo com as bases seguintes:

Base 1.ª — A exploração da industria do fabrico de pavios ou palitos fosforicos e de acendedores e a venda respectiva poderá ser realizada por uma sociedade constituida pela actual Companhia concessionaria ou qualquer outra empreza capitalista idonea, pelos trabalhadores e pelo Estado. A Companhia pertencerá a direcção e administração da referida sociedade. Serão constituidos conselhos de operarios de oficina, região e exploração com função consultiva obrigatoria ácerca das condições de trabalho. Os operarios participarão da gerencia das obras de serviço social existentes ou a estabelecer e de conselhos mixtos com delegados da Companhia e do Estado, destinados á arbitragem dos conflitos e ao estudo dos problemas que interessam á industria. A contabilidade da sociedade ficará a cargo do Estado, sendo confiada a funcionarios tecnicos, especializados da Caixa Geral dos Depositos, nomeados pelo Conselho de Administração dêste estabelecimento e s[illegible]itos á respectiva inspècção tecnica.

Base 2.ª — Os lucros liquidos da exploração, descontados uma remuneração ao capital calculada pela aplicação da taxa de desconto do Banco de Portugal e uma renda equivalente para o Estado, serão divididos em três partes iguais, cabendo uma ao Estado, outra á Companhia e a ultima aos trabalhadores que entre si a dividirão como entenderem.

Base 3.ª — Se a Companhia concessionaria não quizer participar da Sociedade, a que se referem estas bases, serão expropriadas por utilidade publica as suas fabricas, maquinismos, instalações, materias primas e produtos em armazem, descontando-se no prazo da expropriação e mais valia determinada pela concessão e exploração do exclusivo. Para a estipulação da importancia da citada mais valia, nomeará o governo uma comissão de peritos, com representação da Companhia concessionaria e presidida por um magistrado do Supremo Tribunal de Justiça. No caso de nenhuma outra empreza industrial querer participar da Sociedade, nos termos destas bases, a sua direcção administrativa será confiada a um quadro de tecnicos especialisados que na distribuição dos lucros haverá o quinhão, atribuido na base anterior, á Companhia e o funcionamento das operações necessarias ao funcionamento da industria, incluindo o da expropriação, será feito pela Caixa Geral dos Depositos.

Artigo 2.º — E' igualmente o governo autorisado a expedir as providencias e a elaborar os regulamentos necessarios, á completa e perfeita execução da doutrina contida nas bases.

Artigo 3.º — Fica revogada a legislação em contrario.

O DESASTRE DE BARCARENA

O

FUNERAL

do jornalista

Mario Graça

realisou-se hoje

Foi imponentissimo o funeral do nosso desditoso camarada Mario Graça, que, no cumprimento do seu dever profissional, morreu vitima do desastre de aviação de Barcarena.

A's 15 horas, a rua das Gaveas, onde é a séde do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, estava repleta de pessoas.

A's 16 horas, foi o caixão, com os restos mortais do desditoso jornalista, transportado, aos ombros dos nossos camaradas do *Seculo*, para o carro dos Bombeiros Municipais, tirado a duas parelhas.

Pouco depois o cortejo funebre poz-se em marcha, sendo o carro ladeado por quatro bombeiros voluntarios e municipais, quatro jornalistas, quatro vereadores e dois estudantes. Seguia-se a direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, um armão com muitas coroas e ramos de flores naturais e artificiais, o capitão sr. Viana de Carvalho, representante do sr. Presidente da Republica; o capitão Almeida Ribeiro, representante do ministro da Guerra; o dr. Antonio Mantas, representante do ministro da Instrução; o general Domingues, director da Aeronautica; o major Cifka Duarte, o capitão Moura, comandante interino da escola de aviação de Cintra; Carlos Moniz, presidente da Associação dos Bombeiros Voluntarios, representantes da Associação de Classe dos Conferentes Maritimos de Lisboa e Associação dos Compositores, com os respectivos estandartes; Sociedade Farmaceutica Luzitana, actores Seixas e Almada, representantes da companhia Lucilia Simões; capitão Andrea, comandante dos bombeiros municipais sr. Rodrigues Alves, Albino Abranches, representante do sr. governador civil de Lisboa; João Pereira da Rosa, director-delegado do «Seculo»; dr. Trindade Coelho; Eduardo Schwalbach, director do «Diario de Noticias»; dr. Beirão da Veiga; Alfredo Vieira Pinto, director da «Renascença Grafica»; muitos oficiais do Exercito e da Guarda Republicana, representantes de diversos sindicatos profissionais e centros politicos, chefes de policia, etc.

O nosso camarada Artur Portela representava o nosso director sr. dr. Joaquim Manso, o *Diario de Lisboa* e o sr. Bordallo Pinheiro, director da Agencia Havas.

* * *

O sr. dr. Crispiniano da Fonseca, director da policia de investigação, deu ordem para que a sua policia se fizesse representar no funeral, pela seguinte forma: 1.ª secção, agentes Ramos e Vicente; 2.ª secção, Carlos Amado e Serra; 3.ª secção, Oliveira e Costa; 4.ª secção Baptista e Henrique Silva.

A policia de segurança publica era representada pelo chefe Nazaré, por um cabo e um guarda. O gabinete dos «reporters» do governo civil pelos srs. Luis Saude Junior, Augusto Cordeiro, Carlos Mascarenhas Barata, Abilio de Carvalho e José Nunes.

O sr. dr. Clemente Gomes, director da policia administrativa, ordenou que a mesma policia se fizesse representar pelos agentes Paixão, Raimundo, Ramos, Alves, Fortunato e pelo guarda 2074.

Na Boa Hora

Continua gravemente enfermo o sr. dr. Fafes Teixeira Coelho, juiz do 3.º distrito criminal. Por esse motivo, presidiu ontem á audiencia o sr. dr. Vaz Pinto, sendo julgado Manoel de Almeida Matos, «O Marujinho», que tinha como advogado de defesa o dr. Mario Monteiro. Tratava-se de emigração clandestina para a America do Norte. O reu foi absolvido.